

SOCIOESPACIAL OU SÓCIO-ESPACIAL: CONTINUANDO O DEBATE*

SOCIOESPACIAL O SOCIO-ESPACIAL: CONTINUANDO EL DEBATE

SOCIOSPATIAL OU SOCIO-SPATIAL : POUR CONTINUER LE DÉBAT

Igor CATALÃO

Professor Assistente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), câmpus do Pantanal
Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Presidente Prudente, e pela
Université d'Avignon et des Pays de Vaucluse (UAPV), França
igoratalao@gmail.com

Resumo: na ciência, a grafia de termos técnicos e conceitos está subordinada, por um lado, ao comprometimento teórico-conceitual dos autores e, por outro, à norma culta da língua vigente. Na Geografia, controvérsias têm surgido no que tange ao modo de grafar alguns termos e expressões com conteúdo conceitual, como socioespacial/sócio-espacial. Entendendo, pois, que o debate é oportuno e profícuo para o desenvolvimento desse campo da ciência, proponho uma discussão a respeito da existência ou não de uma diferença de conceito entre as duas grafias a partir do debate iniciado por Marcelo Lopes de Souza em 2007, com o objetivo de esclarecer alguns pontos e valorizar o diálogo teórico-conceitual.

Palavras-chave: socioespacial, sócio-espacial, conceitos, ortografia, Geografia.

Resumen: En la ciencia, la grafía de términos técnicos y conceptos está subordinada, de un lado, al compromiso teórico conceptual de los autores y, del otro lado, a la norma culta de la lengua en uso. En la geografía, controversias han surgido respecto a la manera de escribir algunos términos y expresiones con contenido conceptual, como socioespacial/socio-espacial. Entiendo que el debate es oportuno y fructífero para el desarrollo de ese campo de la ciencia y así propongo una discusión sobre la existencia o no de una diferencia en términos de concepto entre las dos grafías a partir del debate comenzado por Marcelo Lopes de Souza en 2007, buscando aclarar algunos puntos y valorar el diálogo teórico conceptual.

Palabras clave: socioespacial, socio-espacial, conceptos, ortografía, geografía.

Résumé: En science, la graphie des termes techniques et des concepts se subordonne, d'un côté, au compromis théorique-conceptuel des auteurs et, de l'autre côté, à la norme cultivée de la langue en cours. En géographie, des controverses ont émergé concernant la manière d'écrire quelques termes et expressions ayant un contenu conceptuel, tel que sociospatial/socio-spatial. Puisque le débat est opportun et fécond pour le développement de ce domaine scientifique, je propose une discussion sur l'existence ou non de différence conceptuelle entre les deux graphies à partir du débat commencé par Marcelo Lopes de Souza en 2007. L'objectif reste celui d'éclaircir quelques points et de valoriser le dialogue théorique-conceptuel.

Mots-clés : sociospatial, socio-spatial, concepts, orthographe, géographie.

1. Introdução

Os bastidores da editoração da revista *Cidades*, v. 4, n. 6, de 2007, bem como de todos os

* Agradeço a Maria Encarnação Beltrão Sposito, Maria Angélica Magrini e Paula Lindo a leitura atenta do texto em suas várias versões, bem como os diálogos sobre as ideias nele contidas. Também agradeço aos participantes do grupo de estudos "Expressões da desigualdade socioespacial" (UNESP/Presidente Prudente), pelos debates dos temas que me auxiliaram na elaboração deste texto.

números que se seguiram desde então, além de outras publicações relacionadas ao Grupo de Estudos Urbanos (GEU), permitiram o início de um debate acerca da grafia de um termo muito importante e bastante utilizado na Geografia, não só brasileira como mundial, a saber: socioespacial/sócio-espacial. Mas qual a grafia correta do termo? Trata-se de uma questão apenas ortográfica ou ela esconde um debate mais sério de cunho teórico-conceitual?

Foi Souza (2007) quem inaugurou o referido debate, como parte de um trabalho teórico importante no qual tenta esclarecer a necessidade de superação da tradicional visão de sobrevoo, que preponderantemente sempre adotaram a Geografia e outras ciências espaciais, em função de uma visão integrada, que abarque também a escala do que ele denomina “nanoterritórios”. Esse esforço culminaria na passagem da análise da *diferenciação espacial*, ou seja, dos processos de diferenciação envolvendo o espaço social¹, para a análise de uma *diferenciação socioespacial*, isto é, dos processos que envolvem as *relações sociais* e o *espaço social*. Trata-se, portanto, de uma contribuição importante sobre a maneira de se refletir sobre os processos ocorrentes no âmbito da relação entre espaço e sociedade. A discordância que vou apresentar em relação a Souza reside no seguinte fato: a supramencionada distinção entre a *diferenciação espacial* e a *diferenciação socioespacial*, Souza expressa grafando de outro modo – *diferenciação socioespacial* em lugar de *diferenciação espacial* e *diferenciação sócio-espacial* em lugar de *diferenciação socioespacial*. Ou seja, não há controvérsia significativa, de minha parte, em relação à explicação teórica que ele apresenta, que inclusive considero avançada e bastante profícua. A contraposição existe em relação à maneira como ele escolheu para traduzir essa explicação, utilizando-se de um detalhe ortográfico que pode, a meu ver, mais atrapalhar do que auxiliar na compreensão das ideias que ele defende.

Em nota publicada na revista *Formação* em 2008, Souza chama a atenção para o fato de que a grafia de termos técnicos especializados deve respeitar muito mais a questões de conteúdo e um simples hífen pode fazer bastante diferença em relação à ideia que se pretende comunicar. É, pois, baseando-se nessa afirmação que ele sustenta a existência de uma diferença entre *socioespacial* e *sócio-espacial* (cf. SOUZA, 2007, 2008, 2009) e faz uma crítica aos revisores de língua portuguesa que, influenciados pela existência de termos aparentados que se encontram dicionarizados – como socioeconômico, sociocultural e sociopolítico – e seguindo as regras ortográficas da língua portuguesa (ele referia-se, naquela ocasião, às antigas normas, mas o mesmo valeria para as novas), suprimem o hífen para adotar, de modo generalizado, a grafia *socioespacial*, assumindo uma responsabilidade técnica que não lhes é devida. Nas palavras de Souza (2009, p. 24-25),

[...] existe a possibilidade de dupla grafia – o que constitui, aliás, algo conceitualmente conveniente e relevante. “*Socioespacial*”, sem hífen, se refere

¹ Adoto, para o espaço social, a mesma compreensão de Souza (2008, p. 160), ou seja, de que se trata de “um produto [...] das relações sociais [...] e, ao mesmo tempo, parte integrante da totalidade social concreta”.

somente ao espaço social (por exemplo, tomando-o do ponto de vista do resultado de sua produção em determinado momento histórico, real ou potencial, como em um plano de remodelação urbanística); de sua parte, “*sócio-espacial*”, com hífen, diz respeito às relações sociais e ao espaço, simultaneamente (abrangendo, diretamente, a dinâmica da produção do próprio espaço, no contexto da sociedade concreta como totalidade) (grifos do autor).

Não discordo de forma alguma das diferenças conceitualmente relevantes existentes na Geografia, em particular, e na Ciência, em geral. Entretanto, elas devem pautar-se mais na diferenciação entre determinados conceitos – que se ligam, por sua vez, a teorias, correntes, paradigmas etc. – do que na grafia dos termos, que respeita outras lógicas. Nesse caso específico, não é o uso do hífen que expressa, a meu ver, uma diferença conceitual relevante, que nesse caso existe, como já apontei. Neste texto, meu objetivo é apresentar outro ponto de vista, segundo o qual a diferenciação conceitual apresentada por Souza escape às armadilhas ortográficas envolvidas no uso ou não do hífen; e não desqualificar as afirmações de Souza (2007, 2008, 2009), inclusive porque não discordo delas. Também pretendo valorizar, com isso, o debate por modo escrito, que considero importante, ainda que não seja algo tão comum no meio acadêmico/universitário brasileiro.

O texto organiza-se em três partes e, na primeira, que segue, comecemos por avaliar a questão apresentada do ponto de vista teórico-conceitual.

I

A maneira como nos referimos oralmente e de forma escrita ao espaço expressa o modo como pensamos a respeito de sua natureza e de sua relação com a sociedade e também um comprometimento teórico-conceitual mais ou menos rigoroso – ou pelo menos isso seria o desejável. A diferença existente entre *socioespacial* e *sócio-espacial* é teoricamente elaborada por Souza (2007), como já mencionei, com base numa crítica muito adequada à “visão (apenas) de sobrevoo” reinante na Geografia e noutras ciências espaciais e se apresenta como um avanço na superação dessa visão pelo estímulo às análises que privilegiem a “produção do espaço” mais do que a “organização do espaço”, reconhecendo-se também a ação dos “agentes produtores”. A diferenciação envolveria, então, as “relações sociais” e o “espaço social”, para Souza: *diferenciação sócio-espacial*. Não obstante, entendo que a compreensão de que esse avanço teórico se traduz perfeitamente na diferença ortográfica entre *socioespacial* e *sócio-espacial* não pode perdurar como generalização. Pra ser exato, no caso da Geografia, são poucos os autores (ou nenhum deles?) que têm um posicionamento (e o expressou textualmente) a respeito da existência de uma diferença

conceitual envolvendo *socioespacial* e *sócio-espacial*. No caso da revista *Cidades*, em particular, não haviam sido registradas discordâncias significativas em relação à supressão dos hífen antes do número 9, v. 6, de 2009, editado por Souza. Neste número, todos os autores solicitaram que o hífen fosse mantido.

Ainda segundo Souza, no que *socioespacial* e *sócio-espacial* diferem em termos de significado expressa uma distinção que se apoia na relação mesma espaço-sociedade e no que isso pode ser traduzido em termos ortográficos referentes ao uso ou não do hífen. Entretanto, afirmar que *socioespacial* se refere somente ao espaço social e que *sócio-espacial* diz respeito ao espaço e às relações sociais simultaneamente pode colocar uma divisão na relação espaço-sociedade que a Geografia tem tentado, pelo menos nas últimas três décadas, superar. Em outras palavras, ao se falar de *espacial* já se está referindo ao espaço social, haja vista que o espaço do qual estamos tratando é forçosamente social. Nas palavras de Soja (1980, p. 210): “Space itself may be primordially given, but the organization, use, and meaning of space is a product of social translation, transformation and experience”. Isso não implica a negação da dimensão físico-concreta do espaço existente a despeito da ação humana mas, ao contrário, coloca a importância de se discutir sua ressignificação social: a “produção do espaço”, como Souza (2007) tão bem explicou; tampouco implica na aniquilação de outras categorias, como sociedade ou relações sociais, pois não se pode admitir a “absurda premissa de que a categoria *espaço social* se confunde ou se superpõe inteiramente com a própria categoria *sociedade*” (SOUZA, 2009, p. 25, grifos do autor).

Assim, o sentido que Souza (2007, 2008, 2009) atribui a *sócio-espacial* já se encontra plenamente contido no termo *socioespacial*. A diferenciação proposta até poderia ter feito algum sentido nos anos 1970/1980, quando se começou a falar com mais força a respeito da dialética espaço-sociedade, momento em que o significado de espaço ainda não remetia imediatamente à sua produção social. Esse não é o caso atualmente – ainda que sejamos eventualmente obrigados a reiterar a dialética socioespacial –, quando seu uso pode obscurecer o significado do espaço (social, geográfico). Se, portanto, *socioespacial* refere-se ao *espaço social*, a que se referiria *espacial*?...

Façamos agora uma análise do ponto de vista da ortografia para mostrar que, também aí, o hífen em *sócio-espacial* pode ser eliminado, sem que isso cause prejuízo semântico.

II

A meu ver, a questão do uso do hífen é puramente ortográfica e hoje respeita às regras previstas no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa em 1990 e promulgado no Brasil em 2008 com adoção a partir de 2009, que prevê uma alteração ortográfica na língua,

obrigatória a partir de 1º de janeiro de 2013.

A respeito do uso do hífen em compostos, locuções e encadeamentos de vocábulos, o Acordo, no primeiro item da Base XV, determina o seguinte:

Emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição *que não contêm formas de ligação* e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, *constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio*, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento estar reduzido (grifos nossos).

Essa regra indica a utilização do hífen para as formações em que o primeiro termo ou não possui forma de ligação, ou tem sentido próprio. Funciona, por exemplo, para dórico-louro, norte-americano, sócio-gerente (sócio aqui no sentido de que se associou, que mantém uma sociedade), econômico-social, espaço-temporal.

Excluindo-se o sentido de *associado*, que no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa aparece em entrada diferente, o prefixo *sócio-/socio-*, exclusivo para ligação a outros termos, deriva de social e não possui sentido autônomo. Trata-se de um elemento de composição, um antepositivo, forma radical de social e de sociedade. Ou seja, seu sentido está ligado a outros termos e, se descolado do termo que complementa, *sócio* deve ser transformado em social para adquirir significado pleno, como ocorre em *social-democracia*. O mesmo não acontece com político, histórico, urbano, afro, anglo, latino, entre outros. Em outras palavras, o fato de haver uma indicação de sentido implícita numa forma de ligação (no caso, *sócio/socio*) não significa que esta possua sentido pleno independente. Isso fica muito evidente no caso de *espácio/espacio*, forma de ligação pouco utilizada da palavra *espaço*. É comum vermos escrito *relações espaço-temporais*, corretamente grafado com hífen, pois *espaço* constitui uma “unidade sintagmática e semântica”, mas também é possível escrever *relações espaciotemporais*. Entretanto, a forma *espácio/espacio* apenas carrega o sentido da palavra *espaço*, não apresentando em si sentido pleno.

Para Souza (2007, 2008, 2009), como já afirmei, *socioespacial* refere-se apenas ao espaço social enquanto *sócio-espacial* concerne às relações sociais e ao espaço simultaneamente. Se hipoteticamente a palavra *espacial* fosse escrita com h: *hespacial*, teríamos *sócio-hespacial*, obrigatoriamente com hífen pois, como regulamenta o Acordo Ortográfico e como já estava estabelecido antes do referido acordo, não há aglutinação sem hífen se a palavra seguinte começar com h. Ou seja, uma diferenciação entre *sócio-hespacial* e *sociohespacial* não teria provavelmente sido pensada, porque o segundo termo nunca teria existido por ser incorreto. Se, numa segunda hipótese, a palavra *social* e sua forma de ligação *sócio/socio* não existissem e, em seu lugar, usássemos a palavra proparoxítone *sócico* (tal como econômico ou político), então escreveríamos *sócico-espacial*, sempre com hífen, pois, além de o termo e sua forma de ligação coincidirem (como

em econômico e político), proparoxítonas não se aglutinam sem hífen. Para não ficarmos no puramente hipotético, basta pensarmos em *sócio-histórico* ou *econômico-espacial*. Nesses casos, não se poderia falar de autonomia dos termos, problema conceitual resolvível pela inclusão de um hífen etc., já que *sócio* nunca se ligaria a *histórico* sem hífen nem tampouco *econômico* a *espacial*.

III

Por fim, quero fazer uma última consideração a respeito da introdução do livro *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*, organizado conjuntamente por Souza, Carlos e Sposito, de publicação recente pela Editora Contexto. Os autores incluíram, ao final da introdução, uma explicação a respeito da maneira como *socioespacial* e *sócio-espacial* deveriam ser compreendidos ao longo do livro, composto por 11 artigos. Segundo os autores, diferentemente de *socioeconômico* ou *sociopolítico*, que teriam perdido a noção de composição – o que justificaria a ausência do hífen –, com *socioespacial/sócio-espacial* o mesmo não deveria necessariamente ocorrer; ou seja, *socioespacial* apresentaria uma perda de noção de composição, referindo-se então ao espaço social unicamente, enquanto *sócio-espacial* guardaria a noção de composição, dizendo respeito às relações sociais e ao espaço social. Trata-se, pois, da reprodução das afirmações de Souza, já citadas.

A leitura da introdução e do livro traz dois questionamentos principais. Em primeiro lugar, essa diferenciação estabelecida entre *socioespacial* e *sócio-espacial* pelos autores sugere que todos os autores do livro compartilham dessa ideia e fizeram uma escolha deliberada por uma ou outra grafia consoante a compreensão dos processos analisados. Ou seja, os que grafaram *socioespacial* estão tratando de processos referentes apenas ao espaço social, enquanto os que grafaram *sócio-espacial* estão analisando processos que envolvem relações sociais e espaço social. Ademais, é possível questionar se os que eventualmente tenham tratado de processos, dinâmicas, relações etc. *espaciais* têm uma terceira compreensão, entendendo *espacial* em desvinculação do social (um substrato? um contêiner?), pois para se referir ao *espaço social* a grafia correta adotada no livro seria *socioespacial*. O conteúdo dos textos dos demais autores, porém, não indicam concordância de ideias com essa separação/diferenciação, sobretudo pela maneira como discorrem sobre os conteúdos de seus respectivos artigos.

Em segundo lugar, a falta de posicionamento dos autores em relação a isso parece contribuir para a difusão dessa diferenciação proposta por Souza (2007, 2008, 2009) e compartilhada por Carlos e Sposito na introdução do livro (embora Sposito, em seu artigo, se posicione diferentemente). O parágrafo final, que concede aos demais autores autonomia na escolha

da grafia torna-a uma autonomia condicionada à diferenciação supraexposta. Embora se possa crer que essa diferenciação ortográfica indicando a diferença entre, por um lado, o *espaço social* e, por outro, o *espaço social* e as *relações sociais*, é universal, a produção geográfica não parece corroborar essa crença (vejam-se os próprios textos do livro). Por exemplo, em função da mais ou menos generalizada compreensão de que o espaço do qual falamos na Geografia é o espaço social e não outro, utilizar apenas *espacial* já traz em si um conteúdo social atrelado, ao passo que o termo *socioespacial* pode ser admitido em referência às relações sociais e ao espaço social, como parecem entender, no livro, Sposito, Rodrigues, Oliveira e Alves, para citar alguns.

Assim, embora a crítica apresentada por Souza (2007), concernente ao problema da adoção de uma visão de sobrevoos nas análises espaciais, seja pertinente, talvez faltasse assinalar que um novo avanço se faz necessário, num contexto em que a compreensão sobre o *espacial* já remete imediatamente a algo efetivamente relativo ao espaço social. Boa parte dos geógrafos e cientistas sociais que têm grafado *socioespacial* ou o fizeram de modo conscientemente tautológico, para reforçar o conteúdo social do espaço, ou não tinham consciência de que, além do espaço social, também as relações sociais poderiam ser consideradas, já que a categoria *espaço social* não se superpõe nem se confunde integralmente com a categoria sociedade, como já destaquei concordando com Souza (2009). Entendo, inclusive, ser esta uma compreensão bastante recente, que precisa ser valorizada e difundida.

O problema talvez seja, penso eu, que a *diferenciação socioespacial* tenha sido historicamente tratada mais no sentido de uma *diferenciação espacial*, precisando a *diferenciação socioespacial* ser repensada “em sentido mais pleno” nos termos propostos por Souza (2007, p. 112).

Por Fim

Como afirmei anteriormente, a discussão a respeito da diferenciação conceitual na Geografia e na Ciência são importantes e podem ser bastante profícuas. Espero, então, ter trazido elementos para continuar o debate inaugurado por Souza, permitindo uma reflexão sob outro ponto de vista a respeito do que se entende por *espacial* e *socioespacial*, haja vista que entendo não ser mais adequada a grafia *sócio-espacial*.

Referências

- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto n. 6.583, de 29 de setembro de 2008. Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa em 16 de dezembro de 1990. *Diário Oficial da União*, Brasília, Ano CXLV n. 189, 30 set. 2008. Disponível em: <<http://www.in.gov.br>>. Acesso em: 21 out. 2010.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CIDADES, Presidente Prudente, v. 4, n. 6, jan./dez., 2007.
- CIDADES, Presidente Prudente, v. 6, n. 9, jan./jun., 2009.
- SOJA, Edward W. The socio-spatial dialectic. *Annals of the Association of the American Geographers*, Washington, v. 70, n. 2, p. 207-225, abr./jun., 1980.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. Da “diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”: a “visão (apenas) de sobrevôo” como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 4, n. 6, p. 101-114, jan./dez., 2007.
- _____. Em torno de um hífen. *Formação*, Presidente Prudente, n. 15, v. 1, p. 159-161, jan./jul., 2008.
- _____. Introdução: a “nova geração” de movimentos sociais urbanos – e a nova onda de interesse acadêmico pelo assunto. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 6, n. 9, p. 9-26, jan./jun., 2009.

Recebido em: novembro de 2011.

Aceito para publicação em: janeiro de 2012.